



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL - DCOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA: CULINÁRIA MATRIARCAL AFRO-BRASILEIRA NO
TERREIRO FILHOS DE OBÁ.**

São Cristóvão - SE
2021

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA: CULINÁRIA MatriARCAL AFRO-BRASILEIRA NO
TERREIRO FILHOS DE OBÁ.**

São Cristóvão - SE

2021

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA: CULINÁRIA MATRIARCAL AFRO-BRASILEIRA NO
TERREIRO FILHOS DE OBÁ.**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade Federal
de Sergipe, como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maíra Carneiro
Bittencourt Maia.

São Cristóvão - SE
2021

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO

REPORTAGEM MULTIMÍDIA: CULINÁRIA MATRIARCAL AFRO-BRASILEIRA NO
TERREIRO FILHOS DE OBÁ.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade Federal
de Sergipe, como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maíra Carneiro
Bittencourt Maia.

Aprovado em: 22/07/2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maíra Carneiro Bittencourt Maia.
(Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Profa. Dra. Messiluce da Rocha Hansen
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Doutoranda Laila Thaise Batista de Oliveira
Universidade Federal da Bahia - UFBA

São Cristóvão - SE
2021

Dedico este trabalho às minhas duas mães físicas, Alessandra e Maurina, que estão vendo lá do céu a minha conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos Orixás que me deram forças para chegar até aqui, sem eles eu nada seria. Também a minha Mãe Ginalva e a todos os meus irmãos do Terreiro Filhos de Obá pelo apoio e contribuição.

Estudar numa universidade é meu sonho desde criança, e cursar Jornalismo mudou a minha vida. Aprendi como a comunicação é importante e fundamental na vida de todos. Não sou a mesma de quatro anos atrás e agradeço a Universidade, Grupos de Pesquisa, Pibic, Prodap, Proex, Peac, Professores e Colegas por todo o aprendizado.

À minha amiga, Rafaelle da Silva, por todo apoio, paciência e carinho.

Ao meu namorado, Ighor Galindo, por todo apoio e amor.

À professora e orientadora, Maíra Bittencourt, pela paciência, colaboração, criatividade e por incentivar a realização deste trabalho.

RESUMO

Este relatório trata-se do Projeto Prático de Trabalho de Conclusão de Curso “Reportagem Multimídia: Culinária Matriarcal Afro-Brasileira no Terreiro Filhos de Obá”, que consiste em falar sobre a importância da Culinária Afro-brasileira, que tem sua origem nos Terreiros de Candomblé brasileiros. Com o objetivo de mostrar a importância das comidas de Orixá, das

mulheres que a fazem e do próprio Candomblé. Para isso, foi escolhido para ser estudado, o Terreiro Filhos de Obá, localizado na cidade de Laranjeiras (SE), a Casa de Axé mais antiga de Sergipe, Patrimônio Histórico e Estadual de Laranjeiras, com sua cultura ancestral matriarcal e Restaurante Afro-brasileiro “Geúasimbe”. Aqui estão detalhados aspectos da reportagem multimídia, que contém textos, entrevistas, imagens, ilustrações, áudio e vídeo. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a valorização e reconhecimento da culinária afro-brasileira e colabore para ressignificação das narrativas negativas presentes no jornalismo acerca do Candomblé. O público-alvo são todas as pessoas que queiram aprender sobre a Culinária Afro e suas riquezas, a fim de desmistificar preconceitos.

Palavras-chave: Culinária Afro-Brasileira. Reportagem Multimídia. Terreiro Filhos de Obá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Acarajé do Restaurante Geúasimbe. Sociedade Culto Afro-brasileiro Filhos de Obá, 2018.....	14
Figura 02: Linha do Tempo do Terreiro Filhos de Obá. Aíla Cardoso, 2021.....	15
Figura 03: Narração da Reportagem Culinária Afro-brasileira no Terreiro Filhos de Obá, Aíla Cardoso, 2021.....	16
Figura 04: Entrevistas em áudio da Reportagem Culinária Afro-Brasileira no Terreiro Filhos de Obá. Aíla Cardoso, 2021.....	17

Figura 05: Capa do Vídeo de comidas afro-brasileiras que se tornaram populares. Aíla Cardoso, 2021.....	17
Figura 06: Capítulos da Reportagem. Aíla Cardoso, 2021.....	18
Figura: 07: Hiperlink para o próximo capítulo. Aíla Cardoso, 2021.....	18

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	10
3. OBJETIVOS	11
3.1 GERAL	11
3.2 ESPECÍFICOS	12
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	12
5. HIPÓTESES	18

6. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
6.1 PEQUENA HISTÓRIA DO FILHOS DE OBÁ E DO CANDOMBLÉ NO BRASIL.....	18
6.2 CULINÁRIA, MULHERES E RELIGIOSIDADE.....	23
6.3 REPORTAGEM MULTIMÍDIA.....	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
8. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Este é o relatório do projeto “ Reportagem Multimídia: Culinária Matriarcal Afro-Brasileira no Terreiro Filhos de Obá” e tem como fito detalhar o processo de produção e sua fundamentação teórica. Esta reportagem tem o intuito de falar, através da escrita, da imagem, da ilustração, do vídeo e do áudio, sobre a importância das comidas afro-brasileiras na Casa de Candomblé, Filhos de Obá.

A escolha de retratar o candomblé ocorreu, principalmente, porque essa religião é uma das únicas a preservar a cultura matriarcal africana, na qual as mulheres são responsáveis por gerir o axé, como afirma Ruth Landes (1947), em a Cidade das Mulheres, na qual a autora estuda os Terreiros como um dos poucos lugares em que se vive a matricialidade.

Ressalta-se que uma estrutura matriarcal não significa apenas os lugares de poder serem ocupados pelas mulheres, mas sim sua construção ser voltada em torno da energia que emana da mulher, como explica Katiúscia Ribeiro e Aza Njeri (2019, p. 600):

Quando um Babalorixá cuida daquelas potências em formas de abian, yawo e ebomis, ele está exercendo o princípio materno-centrado africano, que em nada se relaciona ao útero físico, mas, sim, ao útero mítico-ancestral, a partir da movimentação de toda uma energia, que é feminina.

Logo, o objetivo dessa reportagem foi retratar a culinária afro-brasileira de terreiro, prática feita essencialmente por mulheres. Cozinhar no candomblé é um privilégio, é um ato sagrado, então, o fito é mostrar também como a culinária é rica e importante.

A ideia de falar sobre culinária está para além de ser uma reportagem sobre comida e/ou receitas, mas sim, uma narrativa que versa sobre a ancestralidade das comidas de Orixá e das mulheres que a fazem dentro do Candomblé. Desse modo, o fito é desvendar a cozinha como um espaço sagrado.

As nações de candomblé que serão abordadas neste trabalho são oriundas da África ocidental, dos países da Nigéria e Benim. O Terreiro em que a reportagem foi construída é a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, o Ilé de Axé com registro mais antigo no Estado de Sergipe (1909), localizado no município de Laranjeiras, na Rua Jackson de Figueiredo, S/N. Ele é reconhecido como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e tombado pelo Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. As principais características do tombamento foram de interesse religioso, histórico e antropológico.

Coordenado pela Ialorixá Ginalva Rocha há mais de 20 anos, a Casa segue uma tradição espiritual e social herdada de seus fundadores, que foram africanos escravizados e mantiveram sua cultura aqui no Brasil. Eles não esqueceram a parte social e fortaleceram a comunidade de Laranjeiras.

Falar sobre essa temática por uma perspectiva mais próxima, é ressignificar as narrativas preconceituosas que são perpetuadas na sociedade sobre o candomblé. Por isso, a narrativa é também uma forma de poder (NETTO, 2019, p.18), quem comanda sobre o que é dito e mostrado exerce um controle de produzir significados e sentidos. Destarte, o objetivo desta reportagem é também poder recriar as imagens negativas que foram impostas as religiões afro-brasileiras, para que esse material possa ser um agente de combate ao racismo religioso:

Se desejamos vencer o racismo, tanto em sua manifestação institucional quanto nas atitudes, então as fotógrafas e as fotógrafos afro-americanos certamente terão de desempenhar um papel especial no processo de redefinir as imagens ideologicamente contaminadas de seu povo (DAVIS, 2016, p.190)

Angela Davis nessa citação fala sobre os fotógrafos afro-descendentes, no entanto o jornalismo repete a mesma história, já que no Brasil mais de 54% da população é negra e apenas 22% dos jornalistas são negros segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Assim, as histórias são perpetuadas em sua maioria por uma perspectiva branca.

Sobre a religião dos jornalistas brasileiros, foi mobilizado o banco de dados da pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro”, realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2012, com apoio da Federação Nacional dos Jornalistas na qual apenas 3,33% dos jornalistas brasileiros se declararam adeptos a Umbanda ou Candomblé.

Um exemplo de como as religiões de matrizes africanas não são representadas no jornalismo do país, é a *matéria da Folha de São Paulo*: “Candomblé só aparecia nas páginas policiais dos jornais, lembra babalorixá” que faz parte do projeto “E eu? O Brasil precisa me ouvir” dos 100 anos da Folha, no qual o jornal convidou integrantes do que eles definem como 13 grupos sub-representados no jornalismo profissional brasileiro, um deles é o Candomblé.

Ademais, para ressignificar as narrativas sobre o candomblé, nessa reportagem foram usados recursos textuais, visuais e sonoros. Além disso, esta idealização da reportagem surgiu com o fito de contar estas histórias de um modo mais acessível para as pessoas que não têm acesso à leitura, ao usar não só a narrativa escrita, como também a sonora e visual.

Portanto, este projeto pretende trabalhar a reportagem multimídia como narrativa jornalística também a partir da relevância temática do conteúdo apresentado. Destarte, o objetivo é retratar o candomblé de uma forma nova, ao trazer uma série de ganchos, como: a culinária, as mulheres, o racismo, a fim de apresentar um assunto relevante para a população.

1. JUSTIFICATIVA

Esta reportagem começa, primeiramente, através de mim, Candomblecista, *Abian* (Filho sem iniciação) do Filhos de Obá. Sou fruto dessa casa com sua cultura matriarcal e lideranças femininas em que me espelho todos os dias, a exemplo de, Ya Ginalva e Makota Marieta. Assim, decidir embarcar no mundo que é o candomblé através do olhar da culinária.

Sou filha de uma mãe Umbandista e, desde criança, participo de alguns rituais afro-religiosos. Desse modo, a cultura religiosa de matriz africana sempre esteve presente em minha vida, e meu intuito nesta reportagem é mostrar a riqueza presente nela.

Desde a disciplina de Introdução ao Fotojornalismo, me apaixonei pelas imagens e seus significados. Nas aulas, fui bastante ativa em como a África e os africanos do território e da diáspora eram retratados de formas depreciativas. Ali já sabia que meu tema estaria centrado em mostrar a riqueza da cultura africana e afro-brasileira, não só a miséria, fome e violência como os jornais costumam retratar.

Destarte, o objetivo da reportagem é ressignificar as formas de produções sobre o Candomblé no Brasil. Esta narrativa presente não tem o intuito de observar as casas de candomblé como um objeto de pesquisa e invadir seu espaço. Mas sim, de ressaltar sua importância e fundamento.

Trazer outros significados as narrativas acerca da religião afro-brasileira, é também se ver como produtor de conhecimento sobre o povo africano em diáspora. Apesar das dificuldades que essas pessoas vivenciam neste país, na qual uma barreira de desafios é colocada entre o conhecimento e a pessoa negra.

Logo, ingressar numa universidade pública brasileira sendo uma mulher negra é tornar-se uma minoria naquele espaço, esta questão não parte do vazio, mas sim da constatação de que os negros não são representados, ou seja, não são visíveis nas universidades de boa qualidade

(DA SILVA, 2006, p.11). Desse modo, com a falta de representatividade, as pessoas negras passam por diversos silêncios na universidade, entre estes, destaca-se o epistemicídio, que Sueli Carneiro (2005, p.324) conceitua em sua tese:

A negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio.

A condição de subalternidade é a condição do silêncio (CARVALHO, 2005, p.5) . Assim, este Trabalho Prático de Conclusão de Curso é uma forma de negar o caminho da inferioridade intelectual que é imposto a população afro-descendente, a qual pertence, e “transformar este silêncio em linguagem de ação” (LORDE, 2019, p.51), ao escrever sobre temáticas importantes para população negra que são excluídas do debate público. Ademais, o objetivo é que este projeto transpasse as barreiras da universidade e seja visto e lido por outros públicos fora da academia.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Produzir uma reportagem que retrata a importância da culinária africana e das mulheres que as fazem dentro dos Terreiros de Candomblé e, especificamente, do Ilê Axé Filhos de Obá, com o fito de ampliar o conhecimento sobre essas culturas, preservá-las e combater o racismo religioso.

3.2 ESPECÍFICOS

1. Valorizar a Culinária Afro-brasileira que descende dos Terreiros;
2. Escrever sobre o fundamento que é a cozinha e a comida no Candomblé;
3. Mostrar a importância das mulheres na cozinha do Candomblé;
4. Falar acerca da notoriedade do Terreiro Filhos de Obá para a manutenção de culturas africanas;

5. Manifestar a necessidade de retratar as religiões de matrizes africanas para atuar contra o racismo religioso.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta parte irei falar sobre aspectos técnicos e metodológicos referentes a reportagem multimídia.

4.1. SITE

A reportagem deste projeto está disponível numa plataforma online, Wix Site, que permite a criação de sites e apresentações, na qual as pessoas podem acessar com internet por computadores ou dispositivos móveis. Nesse site, é possível adicionar textos, imagens, fotos, ilustrações, vídeos e botões que ligam para outra página, como os hiperlinks.

4.2. TEXTOS

A matéria está composta por textos e entrevistas, e está dividida em 6 partes : Começo, Racismo Religioso, História do Terreiro Filhos de Obá, Culinária no Terreiro, Restaurante “Geúasimbe” e a Importância das Mulheres no Terreiro. Esses textos estão disponíveis em blocos ou entre as fotos.

O gênero da reportagem é o informativo, já que o objetivo da matéria não é apresentar opiniões acerca do tema. O fito deste trabalho é informar sobre um assunto com pouco espaço nos jornais e plataformas informativas, mostrar a relação da culinária e do candomblé com o recorte do Terreiro Filhos de Obá.

A primeira parte da reportagem trata-se do começo da história, assim retrata-se o período do tráfico atlântico, que trouxe milhões de africanos para o Brasil e esses povos trouxeram os ingredientes e sua rica culinária que faz parte do Terreiro. Como a Casa de Axé foi fundada por africanos, e a culinária feita por esses povos, é fundamental sempre lembrar o passado.

A segunda parte foi dedicada a falar sobre racismo religioso no Brasil, visto que é bom relatar que mesmo com uma cultura riquíssima a história do candomblé perpassa por muita discriminação. Assim, antes de iniciar com o tema da reportagem, considero importante denunciar esse preconceito no Brasil, através de uma linha histórica e dados.

Na terceira parte, é contada uma pequena história do Terreiro Filhos de Obá, que é a Casa de Axé mais antiga de Sergipe e uma das mais primeiras casas do Brasil. Criada por um grupo de africanos e com destaque para uma grande matriarca, Joaquina.

A quarta parte é a mais importante, visto que trata-se da Culinária, nela estão as origens da culinária afro no Brasil; a importância da cozinha do terreiro, o cargo “ìyá gbàsè” e as entrevistas. A quinta parte é sobre o Restaurante do terreiro “Geúasimbe”, sua fundamentação, importância e entrevistas. Por fim, a última parte é a importância das mulheres no Terreiro, dessa forma, fala sobre o papel das mulheres, matriarcalidade e entrevistas.

Ademais, as entrevistas foram feitas com quatro pessoas: Mãe Ginalva Rocha (Ialorixá do Terreiro); Brenno Monnayn (Kayoosi); Thiago Chagas (Dofono T’oxossi) e Edilma Chagas (Dofona T’òsún) e Josieny Batista (Abian da Casa).

As perguntas foram focadas na ideia central da reportagem e nos tópicos que a estruturam e feitas com todos, mediante a disponibilidade, seguem as perguntas:

1. Qual a importância do Filhos de Obá para a manutenção da cultura afro-brasileira?
2. Qual a importância da culinária no terreiro?
3. Qual a importância do restaurante Geúasimbe?
4. Qual a importância das mulheres em uma casa de Axé? e na cozinha de um Axé?
5. O que é ìya gbàsè?
6. O que significa Geúasimbe?

4.3. FOTOS

As fotos da reportagem complementam o texto de forma a mostrar imagetivamente o que é dito (Imagens do Terreiro, das comidas e do funcionamento do restaurante), algumas fotos foram tiradas por mim e outras são do banco de imagens do Filhos de Obá, com referência ao acervo. Devido a pandemia, não foi possível realizar um trabalho fotográfico maior, visto que as atividades que envolvem a preparação das comidas de Orixá estão em pausa mediante a aglomeração.

Figura 01 - Acarajé do Restaurante Geúasimbe.



4.4. ILUSTRAÇÕES

As ilustrações da matéria foram pensadas a fim de tornar a temática mais fácil de ser compreendida, produzir um trabalho visual completo e preencher a falta de algumas imagens. Sua paleta de cores é composta por tons de vermelho, laranja e amarelo que lembram a cozinha e ingredientes.

A capa da reportagem é uma ilustração que representa a cozinha de um terreiro: com panelas, ingredientes, fumaça e ao fundo um tecido africano (Ankara). Nela o objetivo é mostrar riqueza, ancestralidade, cores, sabores e cheiros; esses elementos, para mim, carregam o sinônimo de culinária.

As demais são ilustrações com dados e fragmentos textuais da reportagem. Também foi realizado um infográfico com a linha histórica do Terreiro Filhos de Obá, nele contém os principais acontecimentos do século XIX até os dias atuais.

Figura 02 - Linha do Tempo do Terreiro Filhos de Obá.



4.5. NARRAÇÃO EM ÁUDIO

O candomblé é uma religião que não tem um livro escrito, seus conhecimentos são passados oralmente de uma geração para outra. Dessa forma, o ato de contar uma história, de narrar, é muito importante neste segmento religioso.

Assim, a reportagem também será narrada com áudios, que estão em botões que ao clicar é possível ouvir o que está escrito. A ideia de trazer o som à reportagem é tornar o conteúdo mais acessível e interativo, no qual o público possa optar por ouvir ao invés de ler. Os áudios são narrados por mim e editados por mim, de forma a produzir um som mais dinâmico e com ao fundo.

Figura 03 - Narração da Reportagem Culinária Afro-brasileira no Terreiro Filhos de Obá.



4.6. ÁUDIO ENTREVISTAS

A reportagem também conta com cinco entrevistas em áudio, com o objetivo de ouvir algumas pessoas importantes para a construção da reportagem. Os áudios são curtos, de até dois minutos, e estão dispostos ao longo do texto a fim de dar voz ao que está escrito. Foram entrevistados: Dofono Thiago Chagas; Babalaxé Breno Monnain; Abian Josieny Batista; e clientes do Restaurante Geúasimbe: Hiago Feitosa e Maria da Conceição.

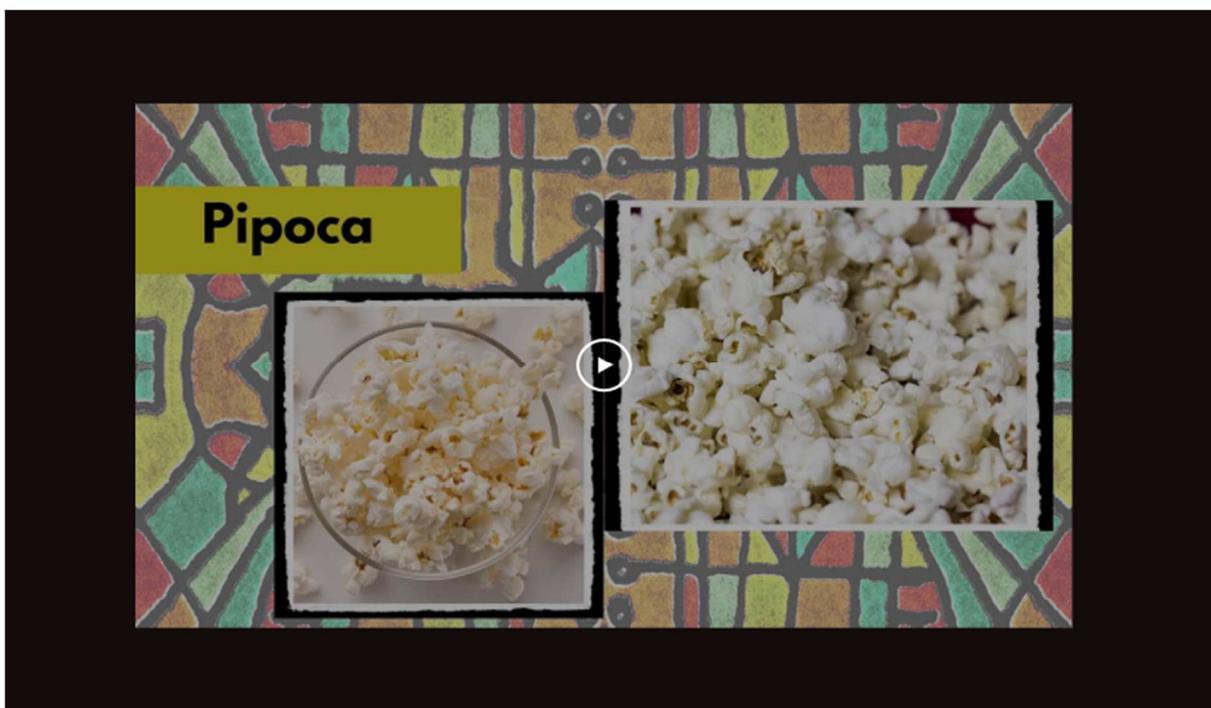
Figura 04 - Entrevistas em áudio da reportagem Culinária Afro-Brasileira no Terreiro Filhos de Obá.



4.7. VÍDEO

Devido a impossibilidade de gravação de vídeo na cozinha no período da pandemia, criei um vídeo que retrata as comidas afro-brasileiras de terreiro que se tornaram populares no Brasil, a fim de trazer interatividade e facilitar a compreensão do tema.

Figura 05 - Capa do Vídeo de comidas afro-brasileiras que se tornaram populares.



4.8. HIPERLINK

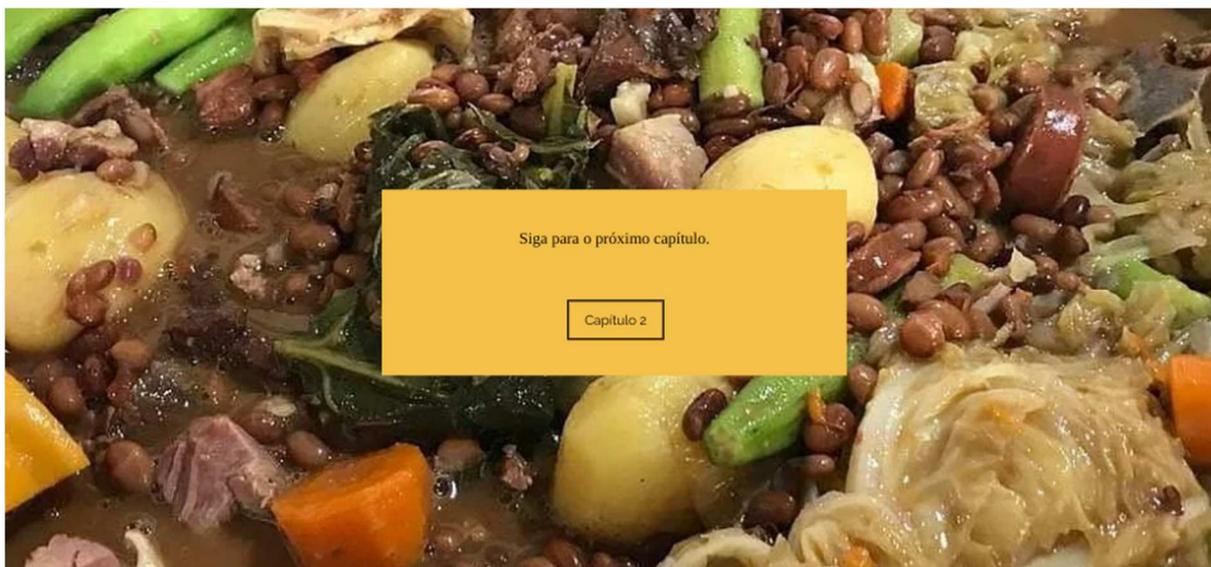
A reportagem foi dividida em três capítulos para proporcionar mais interatividade para o leitor e definir subtemas, assim, ao clicar em algum dos capítulos que ficam no menu principal do site ele direciona na mesma aba para a página escolhida, como também no final de cada capítulo há um botão de direcionamento para outra página.

Figura 06 - Capítulos da Reportagem.

WiX

[Capítulo 1](#) [Capítulo 2](#) [Capítulo 3](#)

Figura: 07 - Hiperlink para o próximo capítulo.



5. HIPÓTESES

Os resultados esperados com essa reportagem, são:

1. Poder ampliar o conhecimento sobre o que é o Candomblé no Brasil, a fim de combater o racismo religioso;
2. Resignificar as narrativas dos candomblés e das suas mulheres;
3. Reconhecer a importância da culinária africana oriunda do Candomblé;
4. Difundir uma reportagem afro-religiosa a fim de agregar conhecimento para esta área;
5. Elaborar uma narrativa jornalística através de um novo olhar;
6. Poder contribuir com a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte, irei trazer referências que colaboraram para fundamentar este projeto, estruturadas nos três alicerces que o constituem: a reportagem multimídia, o candomblé e a culinária.

6.1 PEQUENA HISTÓRIA DO FILHOS DE OBÁ E DO CANDOMBLÉ NO BRASIL

Nas músicas, nas danças e no dia a dia de um Terreiro se aprende sobre a importância da cozinha, das comidas e das mulheres dentro de um espaço sagrado que é um Ilê Axé. Não é diferente na Casa de Axé mais antiga de Sergipe, o Filhos de Obá (*Egbé Áse Áwon Ómó Obá*),

fundada no século XIX e, há mais de 30 anos, Patrimônio Histórico Estadual de Laranjeiras (SE).

Não há registros físicos da fundação da casa no século XIX, apenas em 1909, isso se deve principalmente ao racismo institucional, ou seja, o racismo que opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas produzindo e reproduzindo a hierarquia racial (GELEDÉS, 2016, p. 17) e que não permitia que pessoas negras registrassem seu tempo religioso.

Sobre a injustiça do Filhos de Obá só poder ter seu registro no início do século XX explica, Edilma Chagas:

O modo dos africanos se relacionarem com a sua espiritualidade, se moldou posteriormente no Brasil como a religião candomblé, a qual é vítima ao longo dos anos de ataques e perseguições frutos do racismo e da intolerância religiosa, que privou os terreiros de candomblé de manterem seus registros históricos. Por esse motivo, o Terreiro Filhos de Obá não possui documentos acerca de sua origem no séc.XXI, e sobre seus fundadores, inclusive da senhora Maria Joaquina, sendo sua história preservada pela oralidade dos membros do terreiro (2020, p.7).

Sua principal fundadora, a matriarca, Maria Joaquina da Costa, mais conhecida como Ta Joaquina. Africana, nascida na cidade de Savé (Benin), de onde vem o nome do terreiro, fundou a casa de Axé com o objetivo de promover os valores espirituais e culturais da sua ancestralidade e atuar como um espaço de apoio da comunidade negra de Laranjeiras, segundo Edilma Chagas (2020, p.6). Sua primeira sede foi na rua Porto dos Oiteiros, em Laranjeiras, Sergipe, onde foram realizados os primeiros cultos nagôs e voduns registrados no estado.

Somente em 16 de outubro de 1909, Ta Joaquina pôde fundar a Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá, dando início aos trabalhos sociais e beneficentes, bem como na atuação da promoção da cultura, filosofia e história africana (CHAGAS, p.6) Atualmente, a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, também atua com projetos sociais e cursos profissionalizantes para a comunidade de Laranjeiras.

A memória do Terreiro Filhos de Obá é de muita luta e resistência como a do Candomblé nesse país. Assim, nos parágrafos seguintes, será retratado um pouco da história de discriminação que esta religião passou, com o intuito de justificar a necessidade de falar deste espaço fora da visão preconceituosa que, infelizmente, ainda prevalece.

O Candomblé surgiu no Brasil, mas tem como base diversas etnias africanas. Em sua história passou por diversos desafios, discriminações e racismos desde o seu início com a chegada dos

africanos que vieram obrigados a serem escravizados neste país, como explica Vagner Gonçalves Silva (2005, p.29):

A escravidão fez, assim, com que homens, mulheres e crianças, membros de reinos, clãs e linhagens, aliados e inimigos, caçadores, guerreiros, agricultores, sacerdotes e cultuadores de antepassados, enfim, pessoas com relações de parentesco próprias, vivendo sob uma determinada organização social, política e religiosa, fossem retiradas desses contextos para tornarem-se mão-de-obra escrava numa terra distante e numa sociedade diferente da sua.

Assim, diante de toda adversidade, que foram os quase 400 anos de regime escravocrata neste país, os africanos foram capazes de manter suas culturas vivas. Visto que, diferente do que é ensinado, eles chegaram não apenas negros em seu corpo físico, mental e espiritual, mas, sobretudo, vieram práticas filosófico-culturais identitárias, matriarcais e garantidoras da sobrevivência dos africanos diaspóricos (NJERI, RIBEIRO, 2019, p. 598). O candomblé, então, surge como uma forma de reconstruir a família africana no Brasil, como afirma o autor “Terreiros desempenharam o papel de uma nova África reinventada no Brasil” (Silva, 2005).

Além da escravidão europeia, os africanos, durante esse longo processo, estavam sendo colonizados também pela Igreja Católica, assim, qualquer religião provinda dos nativos (indígenas) e dos africanos eram proibidas e perseguidas, “As práticas como o transe, adivinhações e sacrifícios, por exemplo, eram consideradas demonstrações de possessões demoníacas, ou então magia negra e bruxaria, o que levou muitos negros a serem perseguidos pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição” (Silva, 2005).

Tempos se passaram, o país mudou de Colônia, para Império e no fim deste, apesar de decretado a abolição da escravidão em 1888, não houve alguma reparação e integração do negro na sociedade. Em seguida, veio a República, na qual instituiu a laicidade do Estado, segundo o texto Artigo 157, do portal de estudos do Brasil republicado “no código penal de 1890 – o primeiro da República - , no capítulo II do título IV, determina-se que “perseguir alguém por motivo religioso ou político” resultaria em “pena - de prisão celular por um a seis meses” (BRASIL, 2019).

Entretanto, devido a perspectiva racista que predominava nas legislações brasileiras, o Candomblé não era nem considerado uma religião e continuou a ser perseguido por aparato de lei, de acordo com o mesmo escrito:

O artigo 157 determinava penas por “praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública” que variavam de “prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.” Este foi o dispositivo que permitiu que a polícia prendesse mães e pais de santo, e praticantes de

religiões de matriz africana em geral, cujos rituais envolviam práticas mágicas excluídas das religiões aceitas pela elite dominante. (BRASIL, 2019).

Durante os regimes autoritários que o Brasil passou também não foi diferente, por exemplo, na ditadura do Estado Novo, o Candomblé continuou a ser perseguido, como explica Nathália Oliveira (2015, p.145) em sua dissertação de mestrado:

Sendo considerados como crime contra a saúde pública, a prática ilegal de medicina, o charlatanismo e o curandeirismo. Apesar dessas modificações, na prática, estes artigos continuaram a punir o mesmo grupo social: os praticantes das religiões de matriz afro-brasileira.

Em 1988, com a volta da democracia, foi novamente instituída lei que assegura a liberdade religiosa no parágrafo seis, do artigo quinto da Constituição Brasileira que diz, “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”

Todavia, apenas esta lei não foi capaz de garantir o respeito às religiões de matriz africana. As perseguições continuaram a acontecer, como é o caso do Babalorixá Thiago, que teve sua casa e templo religioso incendiados por fanáticos religiosos, em 2018, na zona norte de Aracaju, Sergipe. O estado não tem nenhuma lei específica voltada ao crime da intolerância religiosa, somente a já prescrita no Código Penal brasileiro.

A única lei voltada a esse tema é a celebração da data de 21 de janeiro, dia Estadual de Combate à intolerância religiosa, que foi instituída pela Lei nº 7.054 de 16 de dezembro de 2010, assim, a lei se enquadra no Calendário Cívico do Estado de Sergipe para efeitos de “comemoração” oficial.

Esta lei foi baseada no Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, elaborado em 2007, através da Lei nº 11.635, de 27 de dezembro, o data seria 21 de janeiro, em homenagem ao falecimento de Gildásia dos Santos, conhecida como Mãe Gilda, fundadora do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã, na Bahia. A líder religiosa sofreu diversas discriminações em sua vida, sua trajetória é um exemplo da intolerância que deve ser combatida no país. A Revista Calundu, em seu artigo “Yás e Abebés: existências, resistências e lutas matriarcais afro-diaspóricas”, relata alguns desses acontecimentos:

Mãe Gilda teve sua imagem usada numa edição de 1999 da Folha Universal, uma publicação da Igreja Universal do Reino de Deus, ao lado da manchete Macumbeiros Charlatões Lesam a Bolsa e a Vida dos Clientes — O Mercado da Enganação Cresce no Brasil, mas o Procon Está de Olho. Esse fato, somado à invasão de seu terreiro por membros da Igreja Deus é Amor que tentaram exorcizá-la, levou a mãe de santo a decidir por mover uma ação judicial contra seus agressores e difamadores. Mãe Gilda faleceu em seguida, aos 65 anos, de um infarto fulminante em

consequência desses acontecimentos, que conforme sua família a abalaram profundamente (SANTOS, SILVA, 2020, p.102)

Ademais, apesar da criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Brasil, que tem como um dos objetivos o combate ao racismo religioso referente as religiões de Matrizes Africanas e das leis que qualificam como crime o ato da discriminação, a intolerância continua acontecer no país, como explica o autor, Ilzver Oliveira, em seu artigo “Perseguições aos cultos de origem africana no Brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in)tolerância”: Apesar da existência de mecanismos jurídicos de reconhecimento e proteção da liberdade religiosa, estes não são, isoladamente, suficientes para evitar o preconceito e a intolerância aos afro religiosos.

Ainda, de acordo com a pesquisa baseada no Disque 100 de denúncia, criado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, apenas 13 pessoas em Sergipe denunciaram intolerância religiosa de 2011 a 2018, dessas 5 declararam que eram de matrizes africanas. Anterior a esses anos não existia um disque denúncia para esta causa.

Já no Departamento de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV) de Sergipe, unidade que funciona em plantão 24 horas, conta com a Delegacia de Atendimento a Crimes Homofóbicos, Racismo e Intolerância Religiosa (Dachri). Segundo os dados da Coordenaria de Estatística e Análise Criminal (Ceacrim), no ano de 2020 foram registradas 32 vítimas de discriminação por preconceito de raça, cor, etnia e religião. Já em 2019 foram registradas 25 vítimas desse tipo de ação.

É muito provável que esses dados não representem a realidade sergipana, pelo fato da normatização de não denunciar quando uma pessoa afro-descendente sofre preconceito. Isto acontece, principalmente, devido ao conceito da Democracia Racial difundido no século 20. Este conceito, compreendido no Movimento Negro como um mito, afirma que não existe racismo no Brasil e que todas as raças convivem pacificamente.

Este mito acredita que o Sincretismo Religioso significa a mistura das religiões advindas das três raças que formaram o povo brasileiro. No entanto, na verdade, foi uma estratégia elaborada pelos africanos a fim de não sofrerem discriminação por conta da sua espiritualidade, então cultuavam seus deuses através dos santos católicos.

6.2 CULINÁRIA, MULHERES E RELIGIOSIDADE

A culinária brasileira descende, principalmente, da cozinha africana, visto que eram as mulheres africanas escravizadas que tinham a função de cozinhar no Brasil Colônia e Império. Desse modo:

Todo abastecimento alimentar, ou seja, todo o sustento alimentício dos senhores brancos colonizadores era feito pelas africanas escravizadas que além de sustentar a casa dos senhores também tinham que suprir as necessidades de sobrevivência das senzalas (PAIVA, 2017, p.31).

No entanto, no país não havia todos os ingredientes necessários para cozinhar do mesmo modo que elas faziam em seu território de origem, assim, adaptaram muitos pratos aos alimentos encontrados aqui. Como também, trouxeram alguns desses frutos, grãos, folhas, etc para continuação da sua cultura religiosa, como o dendê. Visto que, para os africanos, alguns alimentos têm poder espiritual e ligações com energias cultuadas.

A partir desses alimentos, são feitos pratos que são oferecidos nos cultos de orixás- nkisis - voduns, cada alimento corresponde a um ou mais orixás, cita Annare Almeida (2019, p.18):

Esse vínculo é criado a partir da atribuição simbólica dos alimentos aos seus respectivos orixás. Cada alimento diz um pouco sobre os deuses; as associações aos símbolos tangem tanto à matéria-prima quanto à aparência, ao preparo, ao sabor, às sensações.

Da cozinha do terreiro para as ruas, as comidas de orixás não ficaram populares só nos terreiros, como também no paladar da população brasileira, entretanto sem a sua devida valorização. Ao exemplo do Akará (bolinho de feijão fradinho com cebola, frito no dendê), comida oferecida a Iansã, orixá da cultura Ketu, que se popularizou como “Acarajé”, que é a junção das palavras Akará com *Ageum* (Comer).

Este alimento foi e é vendido especialmente pelas mulheres negras baianas. Sua popularidade se iniciou após a “abolição da escravidão”, visto que os africanos foram “libertos”, mas não houve sua integração na sociedade. Assim, expostas à pobreza e à marginalidade, muitas mulheres negras das religiões de matrizes africanas começaram a vender o prato a fim de conseguir o sustento.

Para que houvesse mais vendas, elas acrescentaram o Caruru (comida oferecida aos orixás gêmeos, *Ibeji*), o Vatapá, camarões e salada de tomate verde. Entretanto, no Brasil o processo do Sincretismo e Embranquecimento das culturas de matrizes africanas é tão grande, que muitas pessoas passaram a vender o Akará apagando sua origem africana, na invenção do “acarajé

de Jesus” como renúncia de uma história e da memória do povo afro-brasileiro(QUEIROZ, 2017, p. 84).

É importante ressaltar que a Acarajé é e sempre será de Iansã, assim, é contra este apagamento e desvalorização da culinária de origem africana que essa reportagem multimídia pretende falar e mostrar. As comidas dessa origem são especiais, visto que além de alimento, elas são uma maneira de se comunicar com os deuses cultuados.

A feitura destes alimentos não se trata apenas de seguir uma receita, mas de todo um axé que a mulher traz consigo para a comida. Ela não é servida em qualquer prato, ela não é feita de qualquer modo e muito menos por todas as mãos. O que torna essas comidas especiais é o modo pelo qual são preparadas (RIBEIRO, 2009, p.5), e sua realização simboliza um dos maiores feitos de homenagem aos Orixás - Nkisis- Voduns cultuados.

Cozinhar para os orixás não é a mesma coisa do que preparar outra comida, o espaço da cozinha é tão sagrado quanto o próprio assentamento – local onde se cultua os deuses –, pois o próprio terreiro se alimenta da comida que fornece; ele também vive, e se vive, come. (ALMEIDA, 2019, p.17). Assim, a cozinha está sempre limpa, organizada e poucas pessoas podem ter contato, sendo assim sagrada.

Quem cozinha essas comidas recebe um cargo escolhido pelos orixás no Terreiro, esta posição é a *Íyá Gbàsè*, a mulher responsável por preparar os alimentos ritualísticos do candomblé. É a figura central, uma mulher de grande conhecimento que é responsável por preparar comida dos ritos dos orixás, saber distinguir, saber os significados e os propósitos.

Servir estas comidas, realizar o *Ageum*, é um dos afazeres mais importantes nos terreiros:

Esses seres precisam alimentar-se para terem axé, para realizar os pedidos de seu protegido, seu “filho”. Embora seja comum aos leigos que se ofereça – arriar - comida aos santos apenas para que estes possam retribuir com alguma graça ao oferecedor, em inúmeras ocasiões o alimento é arriado para agradecer, pedir perdão ou, de forma mais geral, “para fortalecê-los, simbolicamente, de atenção, respeito, reconhecimento, amor e confiança(RIBEIRO, 2009, p.4).

Ademais, não é à toa que as mulheres são as responsáveis pela feitura das comidas oferecidas aos Orixás. Em muitos países africanos, as mulheres assumem muitas funções culinárias e relativas a cuidados, entretanto, diferente de como é praticado nas culturas de descendência patriarcal, esses afazeres não são vistos de maneira inferior.

A mulher é a dona da casa no sentido econômico da palavra. Ela está no comando de todos os alimentos, que ninguém, nem o marido, pode tocar sem

o seu consentimento. Frequentemente, um marido, ao alcance da comida preparada por sua própria esposa, não ousa tocá-la sem sua autorização. É degradante para um homem entrar em uma cozinha na África Preta. A mulher exerce uma espécie de ascendência econômica sobre a sociedade Africana (DIOP, 1974, p.298).

Além disso, o ato de comer, é uma forma de demonstrar todo o afeto e respeito que você tem por aquela comida e quem a fez. Ao recebê-la, é seu dever desejar *Ageum* dos mais velhos aos mais novos, e em seguida, comê-la com as mãos, assim como, os ancestrais africanos faziam:

'Comer com fé' mostra como a comida é uma fala preferencial da intermediação entre o homem e o sagrado. Pois a comida representa um ato devocional, cumpre promessas, amplia o sentimento religioso, e aproxima o que se idealiza em fé íntima e pessoal, trazendo o mágico nesse jeito brasileiro de reunir e interpretar os santos, e assim estabelecer sistemas de cultos tão particulares (LODY, 2008, p. 26).

Diante do que foi relatado, o intuito da reportagem multimídia é retratar que as mulheres carregam o poder de serem as rainhas da culinária dos orixás-voduns. Quando cozinham desenvolvem um ato sagrado de amor e devoção, ninguém jamais ousaria entrar sem ser chamado ou atrapalhar seu feitio. Portanto, é possível compreender que a comida no candomblé significa afeto, homenagem, hierarquia e respeito.

Além disso, tratando-se especificamente do Terreiro Filhos de Obá que além de cozinhar para os Orixás e Terreiro, utiliza da culinária como uma forma de sustento através do Banquete de Chão, que são eventos elaborados para manutenção da Casa de Axé, com um cardápio de Comidas Afro, na qual as pessoas podem desfrutar dos alimentos em grupo, sentadas em esteiras, ao ar livre e com utensílios específicos do Candomblé.

A partir do Banquete de Chão foi criado o projeto de Restaurante *Geúsimbe* (Nome de Mãe Marieta), Edilma Chagas, Vice-Presidente da Sociedade de Culto Afro Brasileiros Filhos de Obá, fala sobre o restaurante:

Um modelo de economia criativa, solidariedade e empreendedorismo preto. Sua importância se dá como um modelo de negócio criado para arrecadar receita para manutenção da comunidade dos Filhos de Obá, além de ser mais um instrumento de promoção da culinária ancestral, contribuindo também no combate ao racismo religioso.

Devido a pandemia, o funcionamento do Banquete de chão está em pausa, a fim de evitar aglomerações. A construção do restaurante também está sem funcionar, mediante a ausência de recursos.

6.3 REPORTAGEM MULTIMÍDIA

A narração é a essência do jornalismo. Narrar é ato primordial do ser humano. É dessa forma que a história e o conhecimento se propagam, passando de geração em geração. Assim como, a comunicação humana é multimídia. Sempre o foi (SALAVERRÍA, 2015, p.25), as pessoas não se comunicam só através da escrita, como também através da fala, imagem, desenho, etc.

Narrar é também uma atividade indissociável do fazer jornalístico. (NETO, 2019, p.10). Os jornalistas não apenas registram fatos, eles contam como foi, quando, porquê, onde, o que motivou, colocam um contexto e escolhem com base em diversos critérios o que é mais importante de ser contado na história.

A beleza e a ciência do jornalismo está em transformar um acontecimento e/ou um assunto de relevância pública em uma história. Esse tema, apesar de ser apresentado de uma forma mais profunda, também se trata de uma notícia, visto que, segundo Carlos Eduardo Franciscato (2014, p.6):

A notícia é resultante de uma combinação complexa de elementos díspares: sua forma e conteúdo final representam a convergência de vários processos sociais, acentuados em complexidade pelos aspectos cultural, expressivo e emotivo impressos em sua ‘materialidade’.

Franciscato(2014, p. 14-20), ainda elenca outras dimensões de noticiabilidade, como atualidade e distanciamento do tempo presente, continuidade e ruptura, normalidade e anormalidade, importância e interesse, proximidade e distância. Dessarte, baseado nesses critérios, essa reportagem se enquadra como valor notícia, uma vez que, é atual, propõe uma ruptura, quebra com a “normalidade” dos conteúdos que são abordados, é de importância e interesse e, ainda, se trata de uma Casa de Candomblé do estado, assim, explora a proximidade.

Com isso, há várias maneiras de se criar uma notícia, ela pode ser escrita, visual, sonora, ou ainda a mistura de algumas destas. Ainda que todo jornalismo compartilhe um substrato comum, cada meio conta com seus próprios códigos (SALAVERRÍA, p.83). A escolhida para

esse projeto versa a multimídia por utilizar imagens, textos, entrevistas, infográficos, áudios e vídeo e por estar em uma plataforma digital.

Dessa forma, este trabalho prático se enquadra em uma Reportagem Multimídia, como conceitua Raquel Ritter Longhi (2014, p.153):

“Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”

A reportagem multimídia contraria os novos modelos de jornalismo cada vez mais rápidos e instantâneos, visto que, segundo Esdras Marchezan (2015, p.173) ela nasce com uma essência primeira que é a de resgatar, ou preservar, o lugar da narrativa em profundidade no jornalismo, numa oposição às práticas cômodas que têm se espalhado pelas redações após o avanço da internet.

A reportagem multimídia, inclusive, conta com mais recursos para a produção de um jornalismo mais profundo, explica Ramón Salaverría (2015, p.83):

As redes digitais só aumentaram as possibilidades de produzir jornalismo de alta qualidade. Elas permitem uma documentação melhor, a diversificação das fontes e dos enfoques, aumentando os mecanismos de correção, possibilitando publicar ciclos editoriais tão longos como simultâneos. Mais ainda, abriram portas para enriquecer as informações com recursos hipertextuais e multimídias, enviando os conteúdos até o bolso dos cidadãos.

Uma dos modos de fazer um jornalismo mais qualificado em plataformas online, surgiu com o *Longform* (Longa forma), “O chamado *longform* tomou seu lugar na web tanto em artigos, como em formatos noticiosos hipermidiáticos, tais como a grande reportagem multimídia” (LONGHI, WINQUES, 2015, p.112).

A narrativa *Longform* é uma ótima forma de produzir a reportagem multimídia, sendo encontrada sua definição nesse artigo de Longui e Winques, que cita outra obra para apresentar o conceito de *Longform*: “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (FISCHER, 2013, online, tradução nossa).

As primeiras reportagens multimídias do mundo surgiram no início dos anos 2000, Raquel Ritter Longhi (2014, p.904-906) estuda este apanhado histórico da reportagem multimídia e relata que alguns autores datam que foi o jornal espanhol “*El Mundo*” que “está entre os

primeiros a explorar de forma mais intensa os recursos multimídia: em 25 Años sin Franco (2000)”, outros autores afirmam que foram outros jornais no início dos anos 2000.

Já a primeira reportagem multimídia brasileira foi “A batalha de Belo Monte”, em dezembro de 2013, dos especiais da Folha de São Paulo. O Brasil demorou a utilizar os recursos multimídias no jornalismo, no entanto, quando começou, utilizou diversos meios, só esta reportagem é composta por texto longform, fotos, infográficos, mapas interativos, hiperlinks e gifs.

A Folha de São Paulo deu o primeiro passo e, em seguida, os outros jornais começaram a produzir este estilo de reportagem, até jornais locais, como “O Tempo” de Belo Horizonte, contam com especiais de multimídia com assuntos do estado de Minas Gerais, como a reportagem: “Lama sem Fim” que retrata o desastre na cidade de Mariana (MG).

No entanto, ainda assim a Folha de São Paulo se tornou a pioneira na multimídia brasileira, com o UOL TAB, que faz parte do Grupo Folha. Na qual, as reportagens multimídias não são mais produzidas de maneira especial, mas com uma frequência bem maior e empregando diversos recursos, como: vídeos, fotos, ilustrações, mapas, infográficos, áudios e muito mais.

O destaque principal desta reportagem é o texto, que contém a narração e as entrevistas. Apesar do texto estar recebendo pouca atenção na era da internet, ele é a coluna vertebral que sustenta e estrutura as peças informativas multimídia (SALAVERRÍA, 2014, p.38).

Tão importante como o texto numa reportagem multimídia, é a diagramação da matéria na internet. Isto porque, com a velocidade de informação a que as pessoas estão habituadas na internet, prender um público numa grande reportagem exige um esforço no trabalho visual e na interatividade. Alejandro Rost (2015, p.58) define a interatividade comunicativa como as possibilidades de comunicação e expressão que o utilizador tem entre os conteúdos do meio, ou seja, proporcionar ao público diversas opções de consumir um conteúdo a fim de fazer com que ele se sinta participante.

Já na parte visual, é necessário ter um conceito e fazer com que a reportagem torne-se um conteúdo agradável não só às mentes, mas também aos olhos. Por isso, ao unificar elementos pictóricos, esquemáticos e texto escrito, a infografia se revela como um importante recurso de linguagem gráfica, adaptável às novas mídias e capaz de fazer frente à demanda de modernização da comunicação (CUNHA LIMA, 2015, p.112).

Todo o projeto gráfico, cores, ilustrações, infográficos, fotografias e vídeos precisam ter sentido com a ideia central da matéria. “O layout de uma publicação é conformado visando à

comunicação, materializando, assim, um conceito editorial” (GRUSZYNSKI; CALZA, 2013, p. 218). Nesta reportagem foi usada a infografia que, de acordo com Jorge Cunha Lima, cada vez mais vem se firmando como um importante recurso da linguagem jornalística, como podemos constatar pela sua utilização expressiva em jornais impressos ou digitais, e revistas (2015, p.111).

A infografia auxilia na compreensão de um assunto, torna um trabalho textual mais longo, fácil de ser compreendido, Tattiana Teixeira fala sobre o infográfico como discurso:

O infográfico, enquanto discurso, deve ser capaz de passar uma informação de sentido completo, favorecendo a compreensão de algo e, neste sentido, nem imagem, nem texto deve se sobressair a ponto de tornar um ou outro indispensável. (2007, p.113).

Ademais, a fotografia desempenha um papel importante na reportagem. Desde o surgimento da fotografia, ela se tornou essencial para o jornalismo, visto que ela é capaz de aproximar as notícias da realidade, e, assim como o texto, ela possui o poder de transmitir uma mensagem. A fotografia cresce e se consolida como um dos mais importantes meios de informação, com sua capacidade documental finalmente enaltecida e popularizada pelos avanços da indústria gráfica (LAMPERT, 2015, p.5).

Além disso, as imagens no formato de reportagem multimídia, além do objetivo de transmitir informação, carregam o poder artístico de contar uma história de um modo diferente. Ela não é apenas um complemento ao texto, possui seu próprio sentido e caráter narrativo, além disso, é capaz de transmitir informação, arte e possui uma importância histórica e documental.

A fotografia historicamente sustentou imagens racistas da população afro-brasileira e das religiões de matrizes africanas:

Da época do surgimento da fotografia até o momento presente, fotógrafas e fotógrafos negros tem sido forçosa e sistematicamente invisibilizados, esse processo envolve não apenas sua própria competência técnica ou sua sensibilidade estética e social, mas também, em um sentido especial, o fim de sua invisibilidade socialmente imposta (DAVIS, 2017, p.183).

Ademais, com as novas tecnologias e novas formas de consumir conteúdo, o áudio passa por um processo de recriação e adaptação às linguagens e plataformas, alguns exemplos são o *Podcast*, *Áudio Slideshow* e também a opção de mecanismo de leitura. O áudio em entrevistas proporciona que o público se ambientalize do que está escrito, como também desempenha a

função de dar voz aos personagens presentes na narrativa. Já a narração do texto, além de possibilitar mais acessibilidade, permite que as pessoas optem por ouvir ao invés de ler.

O audiovisual também foi outra linguagem que se reinventou para progredir na internet e no jornalismo. Migrou da TV para os sites e matérias jornalísticas, e, hoje, faz grande sucesso nas mídias sociais. O conteúdo em vídeo é capaz de reinventar as reportagens, as tornando mais interativas e interessantes, além de trazer a possibilidade do desenvolvimento de uma narrativa não-linear (NETO, 2019, P.24).

Diante do que foi relatado, é notável como a reportagem multimídia revoluciona com o uso de diversos elementos com apenas um conteúdo, proporciona interatividade, maior compreensão e profundidade. Portanto, se hoje as pessoas estão acostumadas a só ler o título e esquecer todo o trabalho textual e informativo, a reportagem multimídia busca prender o seu público no tema ao usar diversos mecanismos para contar uma história.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reportagem e relatório foram escritos em meio a uma imensidão de cultura. Por isso, escrever sobre culinária afro-brasileira apesar de lindo, também é uma tarefa difícil, visto que são muitas comidas de diversas nações de africanos que vieram para o Brasil, com suas diversas culturas, a exemplo: Nagô, Ketu, Angola e Jeje. Esses povos se difundiram aqui no país devido à escravidão, tornando-se cada vez mais difícil separá-los.

São culturas que sobreviveram há mais de 300 anos de escravidão e mais de 130 anos sem reparação histórica, e para que possam viver livremente sua religião e perpetuá-las aos seus descendentes, é fundamental respeitar e garantir os direitos dos 0,3% da população brasileira que se declara de religiões de matrizes africanas de acordo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010.

Denominar que tais comidas são africanas, têm histórias e têm o sagrado intrinsecamente nelas é reconhecer o legado ancestral que os africanos e afro-descendentes trouxeram para o Brasil. É contribuir para o registro e nomeação que foram negados por uma falsa “democracia racial”, que apaga tudo que vem do africano no Brasil e chama de diversidade e miscigenação.

É preciso dar nome aos bois, chamar de Acarajé, não Bolinho de Jesus; chamar de Candomblé, não magia negra; chamar de ancestralidade, não bruxaria. Reconhecer que

Candomblé é uma religião, que tem um rito, culto, símbolos é respeitar o direito da liberdade de culto religioso. É respeitar a força sagrada que é o Axé.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Annare. Comum-unidade: A concepção colaborativa do restaurante “Geúasimbe” no Terreiro Filhos de Obá. 2005. 69. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tiradentes, 2019.

BRASIL. Artigo 157. Portal de estudos do brasil republicado, arquivo nacional, 2019. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/68-historia/176-artigo-157.html>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

BRASIL. Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de dezembro de 2007. Seção 1, página 2.

CANDOMBLÉ só aparecia nas páginas policiais dos jornais, lembra babalorixá. Folha de S.Paulo, São Paulo, 19 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/candomble-so-aparecia-nas-paginas-policiais-do-jornal-lembra-babalorixa.shtml>>. Acesso em: 19 de junho de 2021.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 339. Pós-Graduação em Educação – Universidade de São Paulo, 2005.

CARVALHO, Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Revista horiz. antropol.** Porto Alegre, volume 7, número 5. p.107-147, julho de 2001.

CHAGAS, Edilma. Questões étnicos raciais e a Lei 10.639.03: Uma contribuição do Museu Afro Comunitário Filhos de Obá . 2020. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2020. No prelo.

CUNHA LIMA, R. O. da. O que é infografia jornalística?. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 111–127, 2015. DOI: 10.51358/id.v12i1.312. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/312>. Acesso em: 13 junho de 2021.

DA SILVA, Jairo. O negro na Universidade. Brasília: Depósito Legal na Biblioteca Nacional, 2006.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017.

DIOP, Cheikh. A Origem Africana da Civilização. Estados Unidos : quinta edição, Lawrence Hill e Co, 1974.

EVARISTO, Maria. O útero pulsante no candomblé: a construção da “afroreligiosidade” brasileira. Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora. UFJF .

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Orgs.). Critérios de noticiabilidade - Problemas conceituais e aplicações. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 1, p. 85-113.

FISCHER, Mary Clare. Longform: means more than just a lot of words. American Journalism Review, Maryland, 17 dez. 2013. Disponível em: <http://migre.me/pFBUv>. Acesso em: 10 jan. 2015.

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. Racismo Institucional: uma abordagem conceitual. ONU Mulheres, 2016. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>>. Acesso em: 19 de junho 2021.

GRUSZYNSKI, A. C.; CALZA, M. U. Projeto gráfico: a forma de um conceito editorial. In: SCHWAAB, R.; TAVARES, F. M. (Orgs.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 203-220.

INFONET. Babalorixá que teve casa incendiada lamenta intolerância religiosa. Infonet, 2018. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/babalorixa-que-teve-casa-incendiada-lamenta-intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

LANDES, Ruth. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LODY, Raul. Candomblé: religião e resistência cultural. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. 85 p.

LONGHI, Raquel Ritter & WINQUES, Kérley. “Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia”. **Revista Estudos em Comunicação**. Universidade de Beira Interior, Portugal. v.2, n. 7, p.149-161. maio. 2010. Disponível em: <<http://ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

LONGHI, Raquel Ritter & WINQUES, Kérley. “O lugar do Longform no jornalismo online”. **Brazilian Journalism Research**. v.1, n.1, p.110-127. 2015. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

LONGHI, Raquel Ritter. “O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro-dezembro 2014.

LORDE, Audre. 2019. Irmã Outsider: Ensaios e conferências. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MICK, Jacques; FURTADO, Kevin. “A fé dos jornalistas Brasileiros e as práticas religiosas.”. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, volume 19, número 3, 290-291, Setembro-Dezembro, 2019.

NETO, Emilio José de Sant’Anna. **Narrativa, expressividade e potencialidades na reportagem multimídia: o caso Mundo Entre Muros**. Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado - Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, p. 119. 2019.

NJERI, Aza, RIBEIRO, Katiusca. MULHERISMO AFRICANA: práticas na diáspora brasileira .Currículo sem Fronteiras, 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/njeri-ribeiro.pdf>. Acesso em: 11 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, I. M.. Perseguição aos cultos de origem africana no brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in)tolerância. In: XXIII Encontro Nacional do CONPEDI/UFSC, 2014, Florianópolis. Sociologia, antropologia e culturas jurídicas: XXIII Encontro Nacional do CONPEDI. Florianópolis: CONPEDI, 2014. v. 1. p. 308-332.

OLIVEIRA, Nathália. A repressão policial às religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo(1937-1945). 2015. 173. Mestrado em História Social - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PAIVA, Maria. A presença africana na culinária brasileira: sabores africanos no Brasil, 2017. 134. Mestrado em história da África- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

QUEIROZ, Hermano. Acarajé tem axé: a desafiadora Salvaguarda do Ofício de Baiana no campo do Patrimônio Cultural Imaterial. **Revista Relicário**, Uberlândia, v. 4, n.7, p. 83-99, Janeiro-Julho, 2017.

RAMOS, Marina Feldhues. CONHECER FOTOLIVROS: (in) definições, histórias e processos de produção, 2017. 213. Mestrado em Comunicação Social - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

RIBEIRO, Pedro. Comida e religiosidade: dos cultos afro-brasileiros para a história da alimentação brasileira. Semana de humanidades, 2009, Departamento de História- UFRN.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências.In: CANAVILHAS, João. (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, Livros Labcom, 2015. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2021.

SANTOS, Maurício, Silva, Anaxsuell. “Yás e Abebés: existências, resistências e lutas matriarcais afro-diaspóricas”. **Revista Calundu**, Brasília, 2020, volume 4, número 2, p. 90-104, Julho- Dezembro, 2020.

SALAVERRÍA, Ramón. Mídia e Jornalistas: um futuro em comum?. **Revista Parágrafo**. v.1, n.3, p.79-83, Jan- Jun, 2015 .Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/297/304>>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, Livros Labcom, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TEIXEIRA, Tattiana. A presença da infografia no jornalismo brasileiro - proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**, Rio Grande do Sul, 2007, volume 9, p. 111-120, Maio- Agosto, 2007.